

PAULO LEMINSKI NA SEMANA DE MUSEUS

Álvaro Marins

I. O poeta Paulo Leminski

A obra de Paulo Leminski é imensa e ainda dispersa.

Paulo Leminski Filho nasceu em Curitiba - PR no dia 24 de agosto de 1944. Iniciou seus estudos de latim e grego quando foi seminarista da Ordem dos Beneditinos, em São Paulo, e o interesse pela cultura oriental começou na academia de judô que frequentou. Leminski foi um orgulhoso faixa-preta e, em seu livro *Bashô*, recomendava que aqueles que quisessem entender o zen deveriam matricular-se “na mais próxima academia de artes marciais”. Foi com físico de judoca que o poeta Haroldo de Campos o conheceu em 1963, em Belo Horizonte - MG, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda. No ano seguinte, Leminski estreava com cinco poemas na revista *Invenção*, espécie de porta-voz dos poetas concretos de São Paulo.

Os valores contra-culturais e libertários da década de 1960, no entanto, tiveram um impacto muito grande no projeto leminskiano de vida e poesia, tanto quanto o contato com o Concretismo¹. Segundo o próprio Leminski, ele abandonou o curso de Direito no segundo ano e várias vezes o de Letras no primeiro ano. Morou em comunidade e sobreviveu como professor de Redação e História em cursinhos pré-vestibulares de Curitiba.

Durante uma aula em que ensinava a seus alunos o período das Invasões Holandesas no Brasil, teve uma intuição: e se René Descartes tivesse vindo para o Brasil junto com Maurício de Nassau? A hipótese não era absurda. O filósofo francês realmente era fidalgo da guarda pessoal de Nassau. Contudo, nunca veio ao Brasil. A partir dessa “hipótese-fantasia” surgiu a prosa-romance

¹ Movimento artístico que chegou no Brasil na década de 1950. Na literatura, propunha extinguir os versos e a sintaxe do discurso, dando ênfase à organização visual do texto, para acabar com a distinção entre forma e conteúdo e criar uma nova linguagem.

PAULO LEMINSKI NA SEMANA DE MUSEUS

Catatau, um dos textos mais enigmáticos da literatura brasileira. Ao fim de oito anos de trabalho, publica-o em 1975.

Em meados da década de 1970, Leminski começa a trabalhar em agências de publicidade. Ao mesmo tempo, editava, colaborava em diversas revistas de poesia experimentais e independentes do período, como *Código*, *Raposa*, *Polo Cultural* e *Corpo Estranho*. Participava também das páginas culturais da grande imprensa curitibana, sobretudo no *Correio de Notícias*.

A prosa experimental de *Catatau* chamou a atenção dos baianos tropicalistas (Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Moraes Moreira), com quem Leminski passou a ter um contato estreito. Também Glauber Rocha (cineasta) e Jorge Mautner (escritor e compositor) fizeram questão de conhecê-lo pessoalmente. A casa onde morava em Curitiba passou a ser parada obrigatória de todos esses artistas quando em viagens pelo sul do país. Esse contato com compositores da MPB fez crescer seu entusiasmo por compor letras de canções, atividade que já desenvolvia junto ao grupo Chave, de Curitiba e, na década de 1980, apareceram composições suas nos discos de Caetano Veloso, Moraes Moreira, A Cor do Som, Paulinho Boca de Cantor, Guilherme Arantes, e até Ângela Maria.

Leminski só vai reunir alguns de seus poemas em livro em 1979, no álbum *40 Clics*, em parceria com o fotógrafo Jack Pires, numa edição limitada a 300 exemplares.

A partir de 1977, concentra-se em suas atividades jornalísticas e publicitárias e escreve resenhas para o *Folhetim da Folha de São Paulo* e para a revista *Veja*. Em 1983 a editora Brasiliense publica três de seus livros – os ensaios/biografias *Cruz e Souza / o negro branco*, *Bashô / a lágrima do peixe* e o livro de poemas *Caprichos e relaxos*.

PAULO LEMINSKI NA SEMANA DE MUSEUS

Esse último teve uma vendagem extraordinária, esgotando seguidas edições. Ao lado do sucesso de público, a crítica mais atenta confirmou o talento do autor de *Catatau*.

Em 1984, Leminski lança o seu segundo romance: *Agora é que são elas*, uma bem-humorada fantasia a partir do estudo *Morfologia do conto fantástico*, do formalista russo Vladimir Propp.

Em 1985, lança, em parceria com sua esposa à época, Alice Ruiz, o livro de poemas *Haitropikais*. No ano seguinte é publicada a tradução do romance *Malone morre*, de Samuel Beckett.

Distraídos venceremos, último livro de poemas de Leminski publicado em vida, é lançado em 1987. No mesmo ano sai a sua tradução de *Fogo e água na terra dos deuses* (poesia egípcia antiga). No ano seguinte, recém-separado de Alice Ruiz, dispersa a sua biblioteca e muda-se para São Paulo. Trabalha como apresentador do Programa de Vanguarda, na Rede Bandeirantes e, em um breve momento de reconciliação com Alice, selecionam juntos os poemas que serão publicados postumamente sob o título de *La vie em close* (1991).

Paulo Leminski morre no dia 7 de junho de 1989. O último livro de poemas de Leminski, *La vie em close*, possui a última parte (Kawásu) composta única e exclusivamente de haicais². Este livro póstumo, com títulos em francês e japonês, soa como um desafio, um último sorriso, ou talvez como a gargalhada iluminadora de Bodhidarma³.

Em 1996, a Editora Global lança a antologia *Melhores poemas de Paulo Leminski*.

Em 2013, a Companhia das Letras lança o volume *Toda a poesia*, reunindo a obra poética do bardo curitibano.

² Poema curto de origem japonesa.

³ Monge budista indiano (ou cingalês) que viveu durante os séculos V ou VI. Tradicionalmente, ele é associado à transmissão da seita Chán (Zen) para a China.

PAULO LEMINSKI NA SEMANA DE MUSEUS

Em 2015, a exposição *Múltiplo Leminski* é montada no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, e depois apresentada em várias unidades da Caixa Cultural do país.

II. O poeta e a 17^a Semana Nacional de Museus

A multiplicidade da obra leminskiana pode nos remeter à multiplicidade da poética museológica e às práticas museais de todos os dias.

Os tempos literários de Leminski são múltiplos e diversos porque se desdobram a partir de variadas tradições. Leminski pode estar, por um momento, visitando a tradição do haikai japonês para transportar seu frescor para as florestas de pinheiros paranaenses, mas, no momento seguinte, pode se dirigir para a prosa *beatnick* norte-americana de John Fante em busca de respostas provisórias que se desfazem em pó. Ou ainda, percorrer o imaginário grego de dois milênios atrás em um poema de Ovídio.

Visitar lugares e tempos tão distintos garante a vitalidade de sua poética, sua permanência.

Os museus nos proporcionam experiências semelhantes. Visitar um museu é visitar uma tradição, uma história, um lugar de memória e refletir sobre essas experiências. O visitante encontra-se ou reencontra-se em outros tempos. Como costuma dizer Paulo Knauss⁴, “o museu é um lugar de encontro”.

A literatura, assim como os museus, nos permite viajar em direção ao outro e a si mesmo. Olhar para o outro e reconhecer nele um semelhante, um irmão. Leminski traduziu Beckett, o cético irlandês da modernidade mais mórbida. Traduzir é irmanar-se no outro. É experimentar ser o outro, mesmo na experiência mais dolorida. Os memoriais do Holocausto e das mais cruéis

⁴ Atual diretor do Museu Histórico Nacional / Ibram.

PAULO LEMINSKI NA SEMANA DE MUSEUS

ditaduras são os testemunhos da memória que adverte os seres humanos de seu lado demasiadamente desumano. Os museus de favela e os ecomuseus indígenas, por sua vez, nos contam da resistência e da persistência da vida que pulsa em todos nós.

A diversidade dos museus nos ensina sobre a diversidade da vida e suas múltiplas potencialidades. Leminski escreveu a biografia de quatro seres-humanos diversos e reuniu-os em volume que chamou de *Vida*. Quatro vidas, cada uma a seu modo, extraordinárias. Ou seja, vidas totalmente fora do comum: Bashô, o poeta japonês errante do século XVI que consolidou na forma haicai os ensinamentos do zen-budismo; Jesus, o palestino que transformou a Antiguidade em uma ideia de futuro; Cruz e Souza, cuja poética simbolista nos propõe que o branco pode ser negro e vice-versa; e Trotsky, o líder militar de uma paixão que empolgou milhões de homens e mulheres por boa parte do século XX.

Não seria incorreto dizer que os museus se tornaram uma das mais fervorosas paixões humanas ao longo dos últimos dois séculos. A paixão pelo símbolo, pelas trajetórias, pelas tradições, pela vida e pela beleza. Pela loucura da vida e pela beleza da loucura. Por uma vontade incontrolável de permanência no futuro.